

Relações perigosas: gênero e etnia na construção de um Brasil mestiço

Cristina Scheibe Wolff¹

Entre as obras de cunho sociológico ou histórico que tentaram montar um panorama da nação brasileira, dando-lhe determinados caracteres próprios, no esforço de criar para o Brasil uma auto-imagem que se destacasse de outros contextos, uma das tônicas é a mistura racial. O povo brasileiro seria o resultado de um caldo étnico formado pela mistura de brancos, negros e índios. Disso resultariam, para estes autores, determinados caracteres físicos, culturais e até morais e psicológicos. Para estes autores, a primeira forma desta mistura teria se dado logo nos primeiros séculos da ocupação branca em território brasileiro, através das relações estabelecidas entre homens brancos e mulheres indígenas, aprofundando-se depois através da mestiçagem com as afrodescendentes.

Renato Ortiz, ao discorrer sobre diversos momentos da construção da identidade nacional brasileira, nos fala da criação do “mito das três raças.”* Para este autor, as bases deste mito, foram lançadas por intelectuais do século XIX, especialmente Nina Rodrigues, Euclides da Cunha e Sílvio Romero. Para estes autores, embora de forma negativa, é a miscigenação, aliada ao meio físico particular, que dá ao Brasil uma identidade nacional, que o diferencia da Europa.

*ORTIZ, 1984.

¹ Cristina Scheibe Wolff. Doutora em História Social pela USP e Professora Titular do Departamento de História da UFSC.